

TERRITORIALIDADES, CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS E PERSPECTIVAS DE LUTA

**TIAGO SIQUEIRA REIS
EVÂNIO MASCARENHAS PAULO
ORG.**

Tiago Siqueira Reis
Evânio Mascarenhas Paulo
Organizadores

**Territorialidades, conflitos
socioambientais e perspectivas de
luta**



Pantanal Editora

2025

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Dr. Jorge González Aguilera e Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com e Microsoft Copilot. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Profa. MSc. Adriana Flávia Neu
Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior
Profa. MSc. Aris Verdecia Peña
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu
Prof. Dr. Carlos Nick
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos
Prof. MSc. David Chacon Alvarez
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves
Prof. Me. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Fábio Steiner
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto
Prof. MSc. João Camilo Sevilla
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira
Prof. Dr. Luciano Façanha Marques
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela
Prof. Dr. Leandris Argentele-Martínez
Profa. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla
Profa. MSc. Mary Jose Almeida Pereira
Profa. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes
Profa. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira
Profa. Dra. Patrícia Maurer
Profa. Dra. Queila Pahim da Silva
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos
Prof. Dr. Tayronne de Almeida Rodrigues
Prof. Dr. Ugur Azizoglu
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira
Profa. Dra. Yilan Fung Boix
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Instituição

OAB/PB
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
UO (Cuba)
IF SUDESTE MG
Facultad de Medicina (Cuba)
ISCM (Cuba)
UFESSPA
UEA
UNEMAT
UFV
AJES
UFGD
UEMS
IFPA
UNICENTRO
IFMT
UFMG
URCA
ISEPAM-FAETEC
IFG
UEMS
UFF
(Colômbia)
UNAM (Peru)
IFRR
UCG (México)
Rede Municipal de Niterói (RJ)
UNMSM (Peru)
UFMT
SED Mato Grosso do Sul
UEMA
IFPR
Tec-NM (México)
Consultório em Santa Maria
UFJF
UEG
FAQ
UNAM (Peru)
SEDUC/PA
IFB
IFPA
UNIPAMPA
IFB
UO (Cuba)
UFMS
UFPI
UFG
UEMA
IFB
Sec. Mun. de Educação, Cultura e Tecnologia de Araripe
Universidade Kayseri, Türkiye
UFPI
FURG
UO (Cuba)
UFT

Conselho Técnico Científico
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

T327

Territorialidades, conflitos socioambientais e perspectivas de luta / Organização de Tiago Siqueira Reis, Evânio Mascarenhas Paulo. – Nova Xavantina-MT: Pantanal, 2025.
264p. ; il.

Livro em PDF

ISBN 978-65-85756-48-8

DOI <https://doi.org/10.46420/9786585756488>

1. Território. 2. Geografia política. I. Reis, Tiago Siqueira (Organizador). II. Paulo, Evânio Mascarenhas (Organizador). III. Título.

CDD 320.12

Índice para catálogo sistemático

I. Território



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Apresentação

A região amazônica terá centralidade na obra, no entanto, procuraremos apresentar ao leitor trabalhos que tratem de assuntos mais gerais que estejam relacionados a Territorialidades, Conflitos Socioambientais e Perspectivas de Lutas, como por exemplo, debates teóricos e metodológicos, estudos e ensaios sobre ecologia política, mudanças climáticas, agronegócio, agroecologia, povos tradicionais, capitalismo e meio ambiente, reforma agrária, mineração, garimpo, saúde, bem como todos aqueles assuntos que impactam diretamente na vida das populações da região da Amazônia brasileira e internacional. A ideia é gerar reflexões que conectem a Amazônia aos debates mais gerais e estes a Amazônia. Portanto, não é obrigatório o texto trabalhar especificamente sobre a Amazônia.

Sumário

Apresentação	4
Capítulo 1	6
Saúde e Controle Social na Amazônia: Espaços a Ocupar	6
Capítulo 2	16
El desconcierto del neoliberalismo latinoamericano.....	16
Capítulo 3	31
Desafios políticos, epistêmicos e metodológicos do mapa de conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil.....	31
Capítulo 4	62
Geografia do narcotráfico e facções do crime organizado na Amazônia.....	62
Capítulo 5	76
Marxism and the environment: the issues	76
Capítulo 6	100
Identificação de forçantes socioambientais atuantes no aumento de vulnerabilidades em comunidades da Bacia Amazônica	100
Capítulo 7	126
Mineração em terras indígenas: quatro lentes conceituais para contribuir com o debate no Brasil.....	126
Capítulo 8	139
As cerimônias rituais do noroeste amazônico: na perspectiva da sustentabilidade do patrimônio territorial ..	139
Capítulo 9	157
Conflitos socioterritoriais e pandemia de Covid-19.....	157
Capítulo 10.....	179
Como deter o trem do progresso? O Fórum Social da Pan- Amazônia e as lutas sociais (2002-2014)	179
Capítulo 11.....	192
Ecosocialismo, uma proposta concreta.....	192
Capítulo 12.....	213
America Latina: la Simplificación Territorial.....	213
Capítulo 13.....	238
A criminalização da homofobia no Brasil: a ADO 26 e a omissão legislativa	238
Capítulo 14.....	249
A geografia em ruínas dos grandes projetos na Amazônia: a mineração e os processos de territorialização de exceção	249
Índice Remissivo.....	263
Os organizadores	264

Geografia do narcotráfico e facções do crime organizado na Amazônia

Recebido em: 21/01/2025

Aceito em: 27/05/2025

 10.46420/9786585756488cap4

Aiala Colares Couto 

INTRODUÇÃO

Nesta segunda década do século XXI, observa-se à uma crescente presença do crime organizado na Amazônia, sobretudo, relacionado ao tráfico nacional e internacional de drogas. Este fato traz reflexões importantes acerca das políticas de segurança e defesa do território, e traz também a necessidade de se pensar em políticas públicas para as cidades da região. O território brasileiro na América do Sul encontra-se em uma posição geográfica estratégica para o comércio de cocaína e *skunk* (super maconha) originárias dos países Andinos. Essa localização coloca o Brasil como uma área trânsito para a passagem da droga em direção a África e Europa, além de ser um mercado consumidor ponte.

O texto aqui escrito é parte dos resultados da pesquisa “Cartografias da Violência na Amazônia” realizada pelo FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública) conjuntamente com UEPA (Universidade do Estado do Pará). O objetivo é analisar a geografia das redes de facções criminosas na Amazônia. Assim, serão apresentados mapas que demonstram a lógica de organização espacial do narcotráfico na Amazônia, onde o crime organizado em redes expressa uma sinergia que organiza territórios.

A Amazônia enfrenta uma diversidade de conflitos políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais que tem relação com as mais variadas formas de ocupação do espaço e de organização de atividades produtivas. O modelo de *economia de fronteiras* como apontado por Becker (1991) trouxe uma rápida reestruturação do território que contribuiu para as mais variadas problemáticas.

O crescimento do mercado de cocaína forçou o crime organizado do narcotráfico a ampliar sua escala de atuação para a manutenção do controle da produção, transporte e distribuição da droga. A análise empírica aqui deixa evidente a importância da Amazônia brasileira para as redes do narcotráfico internacional. Em 2016, por exemplo, o relatório do Escritório das Nações Unidas Sobre Drogas e Crimes (UNODC) destacou que a economia da droga se apresenta enquanto uma verdadeira indústria que, na última década do milênio, chegou a faturar US\$ 870 bilhões. Desse modo, a concentração no comércio do tráfico de drogas chegou a 1,5% de todas as riquezas produzidas que correspondem ao Produto Interno Bruto (PIB) mundial, e, portanto, movimentando 40% das outras atividades ilegais lucrativas do crime organizado, tais como tráfico de armas, tráfico de pessoas e lavagem de dinheiro (UNODC, 2016).

O relatório da UNODC (2016) faz referências ao aumento do consumo de cocaína no Brasil, e este dado em parte, pode ter relação com a “privilegiada” localização geográfica do Brasil em relação a sua proximidade junto aos principais produtores de cocaína do mundo (Bolívia, Colômbia e Peru). Nesse sentido, a Amazônia então, vem atraindo nas últimas décadas facções da região Sudeste como: o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV), e também deu margem para o surgimento de facções regionais, a exemplo da Família Do Norte (FDN) e Comando Classe A (CCA), todas as facções com ligações com outros grupos pelo Brasil e alguns inclusive, em contato com os cartéis Colombianos.

A metodologia da pesquisa que originou este texto buscou alcançar o objetivo proposto, e, por isso, a revisão bibliográfica e análise documental corresponderam à primeira etapa da pesquisa. A segunda etapa foi o trabalho de campo em algumas cidades consideradas estratégicas para as redes do tráfico de drogas no estado do Pará. Em campo, realizou-se entrevistas com agentes de segurança pública, advogados, sujeitos que fizeram parte de alguma facção criminosa atuando na região. Por fim, ocorreu a sistematização dos dados primários e secundários que contribuíram para a elaboração dos mapas temáticos.

A RELAÇÃO MULTIESCALAR DO NARCOTRÁFICO: TERRITÓRIOS E REDES

As redes do narcotráfico produzem uma relação multiescalar que acompanha processos dinâmicos de organização espacial dos mercados globais. Essa dimensão geográfica em redes promovida pelo narcotráfico é um sistema aberto que se territorializa criando as condições necessárias para o funcionamento da trama que atende aos interesses do crime organizado. E a globalização deu mais impulso para o crescimento do mercado das drogas que é desenhado por uma geografia das redes ilegais e suas relações de poder, pois as redes “estão presentes em todas as estratégias que os atores desencadeiam para dominar as superfícies e os pontos por meio da gestão e do controle das distâncias” (Raffestin, 1993, p. 200). Ou mais ainda, “as redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica das redes modifica, de forma substancial, a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (Castells, 1999, p. 497).

Para as ações estratégicas do crime organizado a partir do narcotráfico, as redes se constituem importantes ferramentas para a organização dos territórios. Nos territórios se constituem as bases operacionais que promovem o funcionamento do mercado da droga, por isso, as redes do narcotráfico aparecem como causadoras de “ordens” impostas sobre a sociedade, a partir de relações de poder que vem de cima para baixo, surgindo, então, territórios-redes ou territórios em redes. Portanto, “territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referências simbólicas num espaço em movimento, no e pelo movimento” (Haesbaert, 2004, p. 280).

Os fluxos de drogas que dão sobrevida ao narcotráfico desafiam as políticas de segurança pública dos Estados nacionais; então podemos dizer que hoje o debate sobre drogas faz parte das agendas de saúde pública e segurança humana, temas que vão além da agenda da defesa.

O narcotráfico envolve várias atividades que o tornam cada vez mais poderoso e multinacional, como: lavagem de dinheiro, tráfico de armas, tráfico de pessoas e exploração sexual, dentre outros. As relações que esse mercado desenvolve são múltiplas e têm poder para corromper os mais diversos agentes políticos e sociais, em função de todo essa relação, o que torna mais complexo compreender essa organização.

Para Haesbaert e Porto-Gonçalves (2005), verifica-se, do ponto de vista econômico, que o espaço mundial se caracteriza por maior flexibilidade e certa horizontalidade nas relações entre empresas e regiões. Ao mesmo tempo, os processos de globalização, na fase atual de globalização neoliberal, acentuam brutalmente as desigualdades, a exclusão e/ou segregação socioespacial (com índices crescentes de desemprego) e a exploração (com reintensificação do trabalho escravo, por exemplo). A onda de privatização neoliberal que hoje começa a ser contestada levou a uma mercantilização desenfreada, que atinge os mais diferentes domínios da vida humana e inclui a expansão dos circuitos ilegais, como os tráficos de toda ordem, incluindo o tráfico de crianças e órgãos.

O Relatório do Escritório da Nações Unidas Sobre Crimes Globais (UNODC, 2021) aponta que o número de consumidores de cocaína no ano de 2019 era de 20 milhões de pessoas em todo o mundo. Após um considerável crescimento da área global de cultivo de cocaína entre 2013 e 2017, onde essa área mais que dobrou, em 2018 esse crescimento sofreu uma estabilização e caiu 5% no ano seguinte. A redução em 9% de área de cultivo na Colômbia foi o motivo desse decréscimo, enquanto continuou estável no Peru e na Bolívia, em 10%. Ainda assim, em 2019 a área de cultivo global ainda era a maior na Colômbia, representando dois terços do total, enquanto o Peru representa pouco menos de um quarto e a Bolívia representa 11%. O relatório diz que, em 2020, apesar de algumas interrupções causadas pela pandemia mundial de COVID-19, não houve significativo afetamento no cultivo de coca nesses 3 países.

Ou seja, os países da Comunidade Andina Bolívia, Colômbia e Peru continuam em destaque como centros produtores de coca e, embora tenha tido uma queda na produção, o uso de cocaína permanece elevado na América do Norte, mesmo diminuído desde 2006. O relatório também destaca que no caso da América do Sul e da África, há um crescimento no uso de cocaína devido à expansão do narcotráfico por esses continentes. São países que internamente enfrentam problemas de vulnerabilidades sociais e precariedades.

A globalização dos mercados e a facilidade e agilidade na fluidez do dinheiro e das informações por meio da internacionalização do sistema financeiro, e mais, as mudanças nos meios de transportes tornando-os mais acelerados ajudam a desenhar essa geografia das redes do narcotráfico potencialmente propícia para o fortalecimento do crime organizado e suas múltiplas variações de atividades.

A ameaça transnacional do tráfico de drogas é, sem dúvida alguma, uma espécie de “inimigo invisível” que coloca em risco a soberania dos Estados nacionais. A característica empreendedora dessa atividade econômica ilícita, ao se fortalecer, consegue ampliar sua escala de atuação em níveis locais, nacionais e internacionais. Para Rodrigues (2012, p. 7), “a inquietação causada por essa prática proibida é intensa porque ela é apresentada como um inimigo sem rosto, uma força potente e difusa difícil de ser localizada e que se oculta como um animal ardisoso”.

As redes acompanham o processo de evolução da humanidade, obtendo agora alcance e posição privilegiados no campo das Ciências Sociais. Por isso, o termo adquiriu várias definições e significados. Contudo, na medida em que avança a revolução científica e tecnológica, o termo torna-se mais complexo e adquire novos sentidos. Logo, torna-se imprescindível uma análise dos territórios a partir das redes.

O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede. São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. São os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalizações diferentes, quiçá divergentes ou opostas (Santos, 1979, p. 139).

Para Raffestin (1993, p. 204), “a rede faz e desfaz as prisões do espaço, tornando-o território: tanto libera quanto aprisiona. É o porquê de ser o instrumento, por excelência, do poder”. A dimensão apresentada aqui por Raffestin (1993) considera as relações de poder que as redes impõem, criando mecanismos de controle e dominação, transformando-se em territórios ou territórios-rede. É dessa forma que o narcotráfico vem se territorializando e se articulando para manter determinados espaços geográficos sob sua influência.

A concepção teórica sobre o território para se compreender as redes do narcotráfico pode se dá pela perspectiva de Haesbaert (2004), ou seja, as percepções de territórios-rede e território-zona. Pois, os territórios-rede do narcotráfico são redes geográficas, onde ocorrem, segundo Corrêa (1999, p. 107),

um conjunto de localizações geográficas interconectadas” entre si “por um certo número de ligações”. Justamente como ocorre nas formas de organização espacial do narcotráfico, pois cidades tornam-se “nós” pelos quais conectam fluxos de drogas que abastecem os mercados. Assim, as cidades enquanto “nós” de uma rede são importantes para a fluidez da droga. Para Santos (1996, p. 219), “a fluidez não é uma categoria técnica, mas uma entidade sociotécnica. Ela alcançaria as consequências atuais se, ao lado das novas inovações técnicas, não estivessem operando novas formas de ação.

Sobre as redes, “as definições e conceituações se multiplicam, podendo admitir que se enquadre em duas grandes matrizes: a que apenas considera o seu aspecto, a sua realidade material, e uma outra, na qual é também levado em conta o dado social” (Santos, 1996, p. 262).

Assim,

As redes são, pois, ao mesmo tempo, concentradoras e dispersoras, condutoras de forças centrípetas e de forças centrífugas. É comum, aliás, que a mesma matriz funcione em duplo sentido. Os vetores que asseguram à distância a presença de uma grande empresa são, para esta, centrípetos, e, para muitas atividades preexistentes no lugar de seu impacto, agem como fatores centrífugos (Santos, 1996, p. 278).

O autor destaca que a “rede global é a forma do espaço”, é a fluidez do efeito das reestruturações sobre as fronteiras, a qual é sua principal característica. Assim, o lugar onde a rede organiza sua ação arrumadora do território é um agregado de relações ao mesmo tempo internas e externas. Atuam aqui a contiguidade e a nodosidade; a contiguidade é o plano que integra as relações internas em uma única unidade de espaço, nesse caso, horizontalidade; já a nodosidade é o plano que integra as relações externas com as relações internas da contiguidade, nesse caso, verticalidade. Cada ponto local da superfície terrestre será o resultado desse encontro entrecruzado de horizontalidade e de verticalidade (Santos, 1996).

É assim que funciona a organização do narcotráfico através da qual as “cidades-nós” de um conjunto mais amplo de relações verticais fundamentam toda a estrutura da economia do crime sobre o espaço geográfico. Mas, é preciso também considerar que internamente estas relações verticais criam condições para relações mais horizontais a partir de redes sociais que se formam em função da dinâmica social e política da economia do crime. Desse modo, as relações de poder do narcotráfico “estão presentes em todas as estratégias desencadeadas pelos atores para dominar as superfícies e os pontos por meio da gestão e do controle das distâncias” (Raffestin, 1993, p. 200).

Para Haesbaert (2004, p. 149), a rede seria o “espaço organizado a partir de relações sociais que priorizam a mobilidade e a fluidez por meio de linhas ou dutos e polos ou nós (conexões), necessários à dinâmica dos fluxos (materiais ou imateriais) que o fundamenta”. Assim, as redes assumem um papel bastante dinâmico no mundo contemporâneo, ou seja, o de enraizar e fixar pontos estratégicos que promovam determinada configuração territorial que demonstre, de alguma forma, o poder que elas detêm, pois:

A estruturação de uma sociedade em rede não é, obrigatoriamente, sinônimo de desterritorialização, pois em geral significa novas territorializações, aquelas em que o elemento fundamental na formação de territórios, a ponto de quase se confundir com eles, é a rede (Haesbaert, 2004, p. 279).

Decerto, o processo de territorialização do narcotráfico depende da ação das redes. Redes e território se complementam em uma relação que se apoia também na revolução tecnológica presente na globalização contemporânea. Uma lógica organizacional do capitalismo global aproveitada pelo crime organizado, que permite a fluidez de seus fluxos de capitais em forma de lavagem de dinheiro, pessoas, informações e mercadorias (drogas e armas). Para Moreira (2008) uma nova realidade, apoiada não mais nas formas antigas de relações do homem com o espaço e a natureza, mas nas que exprimem os conteúdos novos do mundo globalizado, traz consigo uma enorme renovação nas formas de organização geográfica da sociedade.

Diante desse contexto, “as cidades se convertem em nós de uma trama. Diante de um espaço transformado numa grande rede de nodosidades, a cidade vira um ponto fundamental de tarefa do espaço de integrar lugares cada vez mais articulados em rede”. As cidades tornam-se, assim, os nós articulados

das redes em constantes movimentos, em fluxos dos mais diversos e que compõem as estruturas sociais resultantes das atividades humanas (Moreira, 2008, p. 162).

As cidades que se convertem em nós da trama, definidas aqui como “cidades-nós” do narcotráfico, são aquelas que estão conectadas por meio da organização, da comunicação, dos transportes e das informações orientadas pelas redes do narcotráfico em nível local, regional e global, tornando-se a base operacional para a configuração geográfica dos territórios-rede.

As cidades sob a influência das redes do narcotráfico tornam-se redes geográficas, que são:

(...) redes sociais espacializadas. São sociais em virtude de serem construções humanas, elaboradas no âmbito de relações sociais de toda ordem, envolvendo poder e cooperação, além daquelas de outras esferas da vida. As redes sociais são historicamente contextualizadas, portanto, mutáveis, das quais são exemplos a rede de parentesco, englobando os membros de uma grande família, ou a de um grupo de pessoas que se organizam em torno de um interesse comum (Corrêa, 1999, p. 200).

Para Corrêa (1999), a rede se torna geográfica quando nós a consideramos em sua espacialidade. A rede em tela está, de fato, espacializada, mas nem sempre a consideramos sob esse ângulo. Para o autor, a passagem de uma rede social para uma rede geográfica se dá quando assim a consideramos, a despeito de sua necessária espacialidade expressa em localizações qualificadas, e com interações espaciais entre elas.

Assim, a rede geográfica só existe mediante estas interações espaciais, as quais surgem como reflexos do conteúdo social que cada localidade promove e que dão sentido ao seu funcionamento e à sua condição de existência enquanto uma rede ou enquanto um conjunto de pontos conectados e espacializados sobre as regiões.

Sendo assim, o narcotráfico forma uma rede social do crime que está presente nas “cidades-nós”, uma rede social que se espacializa em determinados recortes dando suporte necessário para a formação de uma rede geográfica. Com efeito, as redes definem determinadas territorialidades e a presença delas se dá pela demonstração do exercício do poder, poder este capaz de transformar as cidades em “nós” de uma rede territorializadora do crime e desterritorializadora do Estado.

GEOGRAFIA ESTRATÉGICA DAS REDES DO CRIME ORGANIZADO NA AMAZÔNIA

Início essa parte do texto com a afirmação de que as facções do crime organizado relacionadas ao tráfico de drogas criam estratégias que partem de uma interpretação geográfica da organização do espaço e seus elementos da natureza. Essa afirmação parte de um olhar sobre a Amazônia, considerando a sua posição e extensão geográfica que contribuem para as ações das redes do narcotráfico. Assim, a posição geográfica da região amazônica torna as redes dependentes de uma articulação que deve passar por este imenso território, construindo uma interação que envolve produção, circulação e consumo. Por outro lado, a extensão é a atuação dessas redes do narcotráfico em uma escala mais ampla que vai do território brasileiro aos mercados globais (Europa e África).

Em relação aos mercados globais da cocaína, o relatório do Escritório das Nações Unidas Sobre Crimes Globais (2021) apresentou dados importantes acerca da fabricação desta droga ilícita que reafirma o ponto de vista defendido aqui em relação ao papel importante da Amazônia para o circuito internacional do tráfico de cocaína. Segundo o mesmo relatório, a fabricação de cocaína atingiu níveis recordes em 2019, apesar de o crescimento perder força. A produção da fabricação global de cocaína dobrou entre 2014 e 2019 para atingir uma estimativa de 1.784 toneladas (expresso em 100 por cento de pureza) em 2019, o mais alto nível já registrado.

O relatório ainda destaca que o crescimento da produção de cocaína vem desacelerando, apontando para uma tendência de estabilização. Visto que, se comparando ao ano anterior, a fabricação global de cocaína aumentou 37% em 2016, 23% em 2017, 5% em 2018 e 3,5% em 2019. A tendência de estabilização tem sido principalmente resultado das mudanças no cultivo da coca, apesar de aumentos contínuos na produtividade (rendimento por hectare).

De qualquer forma, o Brasil tem um papel importante para as redes do tráfico de cocaína seja como área de trânsito ou como mercado consumidor em potencial. O fato é que as relações incertas entre o legal e o ilegal constituem um fenômeno transversal na experiência contemporânea. São vários os autores que vem chamando a atenção para a transitividade entre o informal, o ilegal, e o ilícito, com uma preocupação, mais ou menos explicitada, em distinguir a natureza da transgressão que se opera no âmbito da economia informal ou, então, a que define as atividades ilícitas ou criminosas, como tráfico de drogas, armas e seres humanos (Telles, 2010).

De todos os conflitos que foram destacados até aqui em relação as disputas pelo uso do território na Amazônia, nenhum deles é mais complexo do que o tráfico de drogas, com destaque para o comércio de cocaína, maconha e *skunk*. A afirmação parte do pressuposto que considera a Amazônia o lugar central para múltiplas relações que são estabelecidas a partir do mercado regional/global da droga. Cabem então algumas observações importantes para que se possa compreender a dinâmica das relações de poder que o tráfico de drogas impõe sobre a região:

Em primeiro lugar, considera-se o aumento significativo do consumo de cocaína na América do Sul com destaque para o Brasil, que, segundo o relatório da UNODC (2021), ocupa a segunda posição no *ranking* mundial de consumidores, ficando atrás apenas dos Estados Unidos que ocupa a primeira posição; Em segundo lugar, ainda existe um mercado em funcionamento na Europa abastecido pelas redes do tráfico de cocaína que, obrigatoriamente, atravessam o território brasileiro e cuja porta de entrada é a Amazônia; Em terceiro lugar, países como Bolívia, Colômbia e Peru ainda são produtores de cocaína, cujas facções criminosas internas estabelecem ligações com grupos do Brasil; Por fim, a região amazônica tornou-se, nos últimos anos, um espaço privilegiado para a infiltração de facções criminosas relacionadas ao narcotráfico. Este utiliza a região para as práticas de lavagem de dinheiro, misturando-se aos crimes ambientais (contrabando de madeira, garimpo ilegal, compras de terras para a produção em fazendas, etc.).



Mapa 1. Redes do narcotráfico na Amazônia Legal. Fonte: Grupo TERRA/UEPA/FBSP (2020).

A Amazônia corresponde aos interesses das redes do narcotráfico como também atende aos anseios de outras atividades criminosas organizadas que nela atuam; em algumas situações estão plenamente articuladas, tornando-se mais difícil o seu entendimento. A bacia amazônica ultrapassa os limites territoriais brasileiros conectando a partir da rede hidrográfica aos países da Comunidade Andina, ou seja, esse potencial hidroviário é um dos elementos que ajudam na compreensão acerca da conexão das cidades da Amazônia às redes que partem dos países vizinhos, pois são 25 mil km de rios navegáveis, abrangendo Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela.

É uma região de 5 milhões km² e representa 59% do território brasileiro e isso nos mostra a imensidão desta região e de suas fronteiras, onde ela abriga apenas 12,3% da população brasileira segundo o IBGE (2010), o que corresponde a 20,3 milhões de habitantes. Esses dados demográficos classificam a Amazônia enquanto uma região pouco povoada, e, portanto, vulnerável às ações dos mais variados interesses políticos e econômicos.

O mapa 1 reúne todas as formas de transporte da droga na Amazônia. Rios e aerovias integradas aos portos, trapiches, terminais e aeroportos envolvendo várias cidades da Amazônia. Nesse sentido, as redes do narcotráfico utilizam esta estrutura para formarem os fluxos de transporte da droga que promovem uma interação espacial que ultrapassa as fronteiras, destacando assim, o papel da Amazônia para a geografia do crime organizado. É imprescindível a partir da análise do mapa destacar os estados do Amazonas e do Pará no contexto das redes ilegais, onde, o primeiro é a porta de entrada e o segundo é a área de trânsito.

Os efeitos dessas relações são extremamente complexos, pois conectam nos últimos anos vem associando o crime de narcotráfico às atividades de crimes ambientais, ou mais ainda, interagem com o tráfico de pessoas e a exploração sexual, com o contrabando de armas e a lavagem de dinheiro. É por esses motivos que a agenda de segurança pública para a Amazônia deve ser pensando a partir destas múltiplas dimensões do crime organizado e a violência por ele manifestada.

Facções criminosas na Amazônia: rotas, alianças e conflitos

A abordagem agora tratará da chegada das facções criminosas do Sudeste à região, também serão abordadas as facções locais-regionais que surgiram neste contexto dinâmico do narcotráfico na região e serviram de base de apoio para que grupos cariocas e paulistas criassem relações operacionais na Amazônia. As cidades de Belém e Manaus que se constituem como duas importantes metrópoles regionais historicamente sofrem com problemas de violência urbana relacionadas com a presença de gangues, grupos de extermínio e tráfico de drogas, agora convivem com a presença de facções criminosas do Sudeste.

Com o crescimento do tráfico de cocaína na Amazônia, essas duas metrópoles ficaram em evidência nas disputas pelo controle do mercado da droga, pois elas constituem dois importantes e

principais nós da interação espacial das redes na região e como já dito, o estado do Amazonas e o estado do Pará, são as duas áreas geográficas mais importantes para a fluidez da droga em direção aos mercados nacionais e globais, por isso que grupos regionais do tráfico de drogas começaram a se organizar para controlarem as principais rotas de distribuição e consumo na região.

No Amazonas, em 2007, surgiu a Família Do Norte (FDN) facção regional nascida dentro do sistema penitenciário, exercendo influência na região Norte do país. Essa facção passou a dominar a principal rota de entrada de cocaína na Amazônia, conhecida como rota do rio Solimões, de interesse do PCC por exemplo. A FDN além de controlar essa importante rota que conecta a tríplice fronteira do Brasil, Colômbia e Peru, também desenvolveu outras economias do crime como o tráfico de armas.

Até por volta do ano de 2017, a FDN era unida ao Comando Vermelho (CV), porém hoje os grupos são rivais, sendo que este último entrou em Manaus e passou a disputar influência com a FDN. Hoje Manaus é dominada pelo CV, depois de uma longa guerra entre as duas facções. O início dos conflitos entre a FDN e o CV se deu quando, em 2017, um grupo de integrantes da FDN tenta dividir as áreas de influência do mercado da droga em Manaus surgindo então a “FDN pura”, que foi forçada a se unir com o CV que já controlava as rotas do tráfico de drogas da Colômbia, o que ampliou a sua influência na região. Assim os dois grupos FDN e CV passaram a disputar o controle do mercado e das rotas da droga em Manaus e no Amazonas.

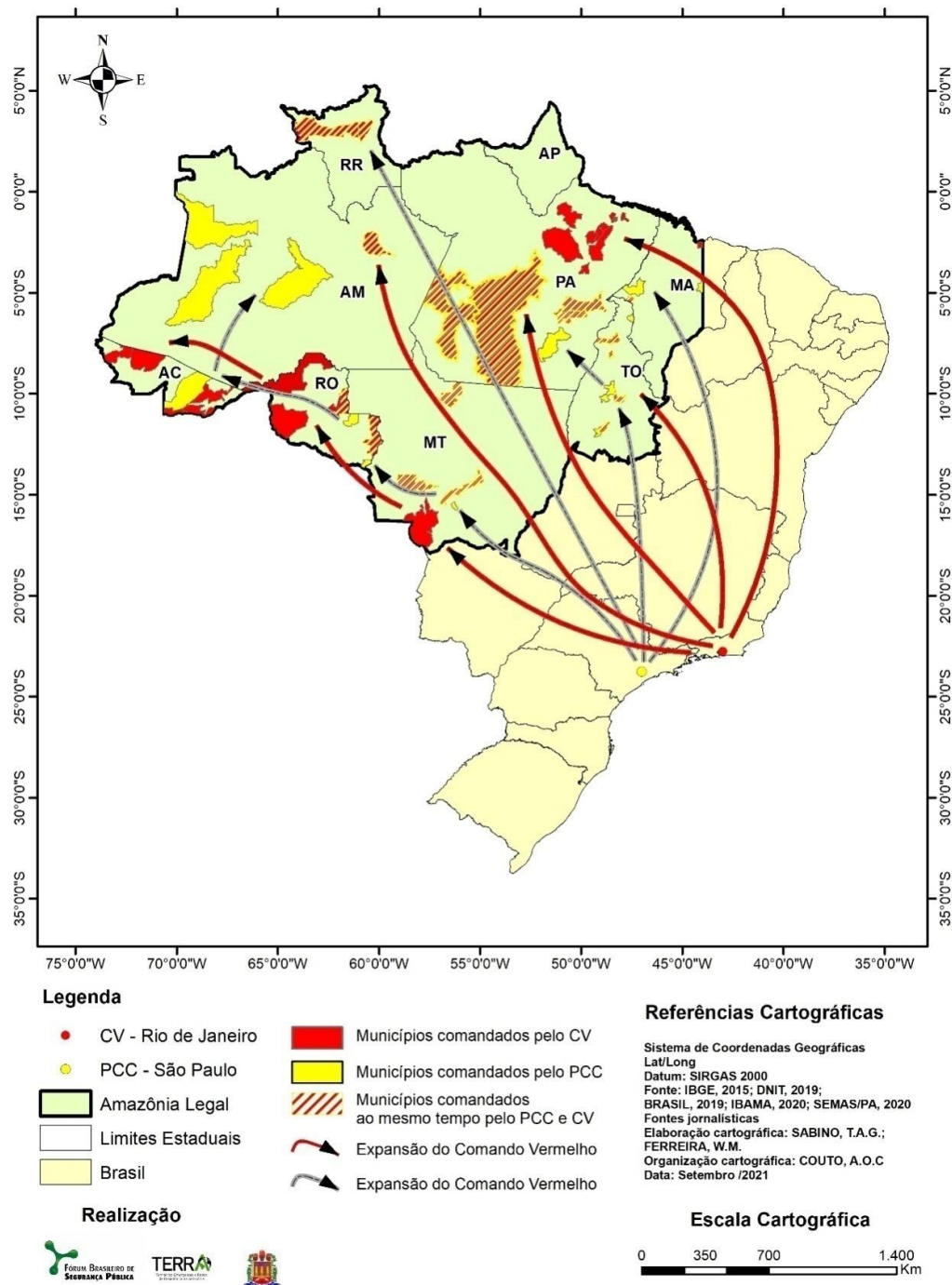
No Pará também no ano de 2017, houve a criação do Primeiro Comando do Norte (PCN), facção aliada do PCC paulista. Ela nasceu como estratégia da facção paulista em ampliar sua influência no sistema penitenciário da região Norte, e ao mesmo tempo, buscar controlar o mercado e as rotas do narcotráfico em Altamira e Marabá. Devido à prisão de vários membros do PCN, a facção teve pouco tempo de duração e logo foi diluída; por outro lado, em 2017, no sistema penitenciário de Altamira no pavilhão A surgiu o Comando Classe A (CCA), que se aliou ao PCC tornando-se uma espécie de braço da facção paulista na região. O CCA representa a união entre CCA, Bonde dos 13 (B13), IFARA, Família Terror do Amapá e Primeiro Comando da Capital. Essas siglas mostram a conexão das facções dos estados do Acre, Amapá, Pará e São Paulo.

Também podemos destacar mais dois grupos que atuam no Pará tais como; a Primeira Guerrilha do Norte (PGN), que é uma pequena facção que surgiu no interior do estado, em uma região no nordeste do Pará conhecida como Colônia do Prata, no município de Igarapé Mirim, sendo também aliados ao PCC, e a Equipe Rex no bairro da Terra Firme, periferia de Belém. No caso da Equipe Rex assim como de outros pequenos grupos de expressão local houve a integração ao Comando Vermelho, que hoje tem grande influência na Região Metropolitana de Belém.

O mapa 2 dá ênfase para as informações que destacam a chegada das duas principais facções criminosas do Brasil (CV e PCC). São facções que surgiram na região Sudeste e expandiram suas influências para outros estados do Brasil, a exemplo dos estados da região Norte ou da Amazônia Legal. Com exceção do Amapá todos os outros estados da Amazônia têm a presença do CV e do PCC,

destacando-se a disputa que há entre essas duas facções pelo controle das principais rotas de transporte da cocaína.

Expansão das facções Primeiro Comando da Capital e Comando Vermelho na Amazônia Legal



Mapa 2. Expansão das facções PCC e CV nos estados da Amazônia Legal. **Fonte:** Grupo TERRA/UEPA/FBSP (2021).

A chegada do CV e do PCC nos estados da Amazônia foi direcionada para alguns municípios onde essas facções se alternam no controle. E em alguns casos, há a presença das duas facções que disputam áreas de influência para o domínio territorial. No mapa 2, as áreas de vermelho representam

os municípios com a presença do CV; já as áreas em amarelo representam a presença do PCC; as áreas hachuradas com as duas cores são os municípios onde há disputa desses dois grupos, sendo o Mato Grosso e o Pará os dois estados onde mais se manifestam esses conflitos.

Pode-se dizer que as facções criminosas que atuam na Amazônia configuram-se na distribuição espacial pelos estados da seguinte forma:

- a) No Acre, temos o CV e a IFARA atuando na cidade de Cruzeiro do Sul e B13 e CV presentes na capital Rio Branco;
- b) Em Rondônia tem-se CV e Primeiro Comando Panda na cidade de Porto Velho, CV e CCA em Guajará Mirim, CV e PCC em Ji-Paraná e finalmente, CV e PCC na cidade de Vilhena;
- c) No Amazonas CV, FDN e PCC disputam a cidade de Manaus, já a Família do Coari e o PCC, estão presentes na cidade de Coari e seu entorno, ou seja, região da chamada rota do Solimões, além disso, FDN e Família do Coari estão em Tefé e FDN e PCC disputam as cidades de Japurá;
- d) Em Roraima, CV e PCC estão no município de Alto Alegre, enquanto que na capital CV, PCC e Primeiro Comando Panda dividem os espaços da cidade de Boa Vista e finalmente, PCC e Trem do Araguaá atuam na cidade de Pacaraima;
- e) No Pará, CV, PCC e CCA estão na cidade de Itaituba, em Santarém estão CV e PCC, já em Altamira, estão CV, PCC e CCA, em Marabá tem a presença de CV e PCC, enquanto que, em Parauapebas CV e PCC disputam áreas de influência, por fim CV, Equipe Rex e Al Qaeda estão presentes na capital Belém e CV e GDA estão em Ananindeua, município da Região Metropolitana.
- f) No Tocantins, CV e PCC estão em Gurupi, Palmas e Araguaína, o que demonstra uma disputa acirrada pelo controle das rotas do tráfico de drogas que passam por esse estado.
- g) No Amapá, Família Terror do Amapá e União Criminosa do Amapá que são facções dessa região dividem suas respectivas áreas de influência para atender as demandas do tráfico de drogas e contrabando com os países da fronteira.
- h) No Maranhão, a cidade de Imperatriz conta com a presença do CV e do PCC, assim como elas estão presentes também na cidade de Codó. E B40, PCM e CV situam-se na capital São Luís.
- i) E finalizando a análise, tem-se CV e PCC nas cidades de Alta Floresta, Tangará da Serra e Rosário Oeste no estado do Mato Grosso, onde há uma acirrada disputa entre as duas facções do Sudeste.

Para finalizar, o quadro 1a seguir traz em destaque as facções criminosas na região amazônica e os respectivos estados onde elas atuam. Também aponta algumas facções locais que, grosso modo, estabelecem algum tipo de relação com os grupos do Sudeste, bem como manifestam relações de poder em suas respectivas áreas de atuação. Assim, os territórios cobiçados pelas narcotraficantes vêm provocando uma nova dinâmica de violência e medo nas cidades amazônicas.

Quadro 1. Facções atuantes nos estados da Amazônia Legal. Fonte: Elaboração Grupo de Pesquisa Terra-UEPA (2021).

Estado	Facções
Acre	CV, PCC, Bonde dos 13 e IFARA
Amazonas	FDN, PCC e CV e Família do Coari
Amapá	Família Terror do Amapá e União Criminosa do Amapá
Mato Grosso	CV, PCC e Comando Terrorista do MT (facção local)
Pará	CV, CCA, PCC, FDN, Primeira Guerrilha do Norte (PGN), Bonde dos 40, Equipe Rex e Galera do Aurá (GDA)
Maranhão	CV, PCC, Bonde dos 40, Primeiro Comando do Maranhão (PCM) e Comando Organizado do Maranhão (COM)
Roraima	CV, PCC, FDN, Primeiro Comando Panda (PCP), Trem do Araguá e Pranato
Rondônia	Bonde dos 13, CV, CCA, PCC, PCP
Tocantins	CV, PCC e Máfia Tocantinense

A região amazônica cada vez mais vem se consolidando como nova fronteira do narcotráfico global, e não bastasse ser local de passagem da droga, as maiores cidades e aquelas outras localizadas nas rotas da droga estão sendo constantemente disputadas. Como regra, têm-se o controle dos presídios, posteriormente, as “quebradas”, que na linguagem do crime, significa as zonas controladas pelo tráfico para o consumo de drogas nas cidades, e por fim, na escala regional, a rota da droga. Assim sendo, para o crime todas as etapas do ciclo da mercadoria ilícita têm sido valorizadas, desde a produção, nos países andinos, circulação e consumo interno.

Como se demonstrou, a Amazônia Legal se tornou este imenso palco de disputas territoriais das facções do crime organizado no Brasil, e como foi apresentado ao longo do texto, ela é o lugar significativo e representativo para as redes do narcotráfico. Para além da questão do narcotráfico há também essa multiplicidade de conexões com outros tipos de crimes que ele estabelece, instituindo relação entre as facções locais, regionais e nacionais. São interações que comprometem ainda mais a segurança pública nos estados e cidades amazônicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser uma região com extensa dimensão territorial, e em boa parte, com acessos remotos, os desafios são enormes em relação ao monitoramento e combate ao narcotráfico na Amazônia. Todavia, isso expõe a facilidade que as facções encontraram pra atuar em função de décadas de precariedades nas relações do Estado com as populações amazônicas. Em algumas porções da região, sobretudo na região da Amazônia Ocidental, que tem pouca presença dos sistemas técnicos, a população sente-se esquecida por parte do Estado brasileiro. Nesse sentido, o estado do Amazonas tornou-se a grande porta de entrada da droga. Já na Amazônia Oriental, o estado do Pará é o grande corredor do trânsito da droga.

Os dois estados citados se constituem enquanto aqueles mais estratégicos para o funcionamento da estrutura espacial do narcotráfico na Amazônia, mas as facções criminosas hoje estão estrategicamente distribuídas por vários estados que compõem a região. Esse papel que a Amazônia desempenha para o mercado da droga é o grande atrativo, ou seja, a necessidade de estabelecer contato com os grupos organizados do crime em países da fronteira e a busca pelo controle das principais rotas que partem da Bolívia, da Colômbia e do Peru.

Por fim essa dimensão geoestratégica que se atribuiu a Amazônia é hoje o principal fator que a coloca em uma condição de área de disputa entre as facções do crime organizado. Considerar essa dimensão é um dos primeiros passos para que o estado compreenda que há uma necessidade urgente em criar mecanismos de segurança pública mais eficazes, e isso só é possível se vierem acompanhados de autênticas e eficientes políticas públicas de defesa dos direitos humanos e de justiça social.

REFERÊNCIAS

- Becker, B. K. Amazônia. 2. ed. São Paulo: Editora Ática – Série Princípios, 1991p. 112.
- Castells, M. A sociedade em rede. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 698 p.
- Corrêa, R. L. Dimensões de Análise das Redes Geográficas. In: Corrêa, R. L. Trajetórias Geográficas. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1999. p. 107-118.
- Haesbaert, R. O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400 p.
- Haesbaert, R.; Gonçalves, C. W. P. A nova des-ordem Mundial. São Paulo: UNESP, 2005. 160 p.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>
- Moreira, R. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o olhar geográfico sobre o mundo. Rio de Janeiro: Contexto, 2008. 191 p.
- Raffestin, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993. 269 p.
- Rodrigues, T. A infindável guerra norte-americana: Brasil, EUA e o narcotráfico no continente. São Paulo em Perspectiva, v. 2, n. 16, p. 102-111, 2012.
- Santos, M. Da totalidade ao lugar. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1979. 176 p.
- Telles, V. A cidade nas fronteiras do legal e ilegal. Belo Horizonte. Argymentvm, 2010.
- UNODC. O relatório mundial sobre drogas. Washington: UNODC, 2016. Disponível em: <http://www.unodc.org/documents/wdr2016/World_Drug_Report_2015.pdf>. Acesso em: 11 set. 2016.
- UNODC. O relatório mundial sobre drogas. Washington: UNODC, 2021. Disponível em: <http://www.unodc.org/documents/wdr2021/World_Drug_Report_2021.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2021.

Índice Remissivo

A

ADO 26, 238, 262
Amazônia, 6, 7, 62, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72,
73, 74, 75, 144, 152, 249, 250, 251, 252, 255,
256, 257, 258, 259, 260

B

Brasil, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 41, 43, 45, 46,
47, 49, 52, 54, 56, 238, 239, 240, 241, 242,
243, 244, 245, 247

C

Covid-19, 157, 169, 172, 176
Criminalização, 244

E

Ecosocialismo, 192, 205
Estados Unidos, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24,
25, 26, 27, 28, 29

F

Facções, 70, 74
Fórum Social da Pan-Amazônia, 179
FOSPA, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 189,
190, 191

G

Geografia, 62, 67

H

Homofobia, 245

M

Mineração, 126, 127, 251, 252, 258

N

Neoliberalismo, 181

S

Saúde, 6, 7, 8, 9, 13

Os organizadores



Tiago Siqueira Reis

Professor do curso de Licenciatura Intercultural, no Instituto de Formação Superior Indígena - Insikiran, da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em História pela Universidade Nova de Lisboa/Portugal, linha de pesquisa História Contemporânea. Pós-doutor no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF), pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Licenciado em História e Sociologia, e bacharel em Turismo. Contato: siqueira.treis@gmail.com



Evânio Mascarenhas Paulo

Professor Adjunto, nível A, na Universidade Federal de Roraima, onde ocupa o cargo de Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras. Doutor em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Sul. Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará. Graduado também em Economia pela Universidade Regional do Cariri. Linhas de pesquisa: ciência social, em especial à Ciência Econômicas, sendo que elas estão contidas em revistas, livros e anais de congressos, tanto nacionais como internacionais, de reconhecida notoriedade. Contato: evanio.paulo@ufrr.br



9786585756488



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 9608-6133 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br